

ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA DE ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS POR PRODUTORES DO RIO GRANDE DO SUL

Alyson Bueno Francisco¹

¹Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP, Presidente Prudente - SP
E-mail: alysonbueno@gmail.com

Resumo

Este artigo visa apresentar uma análise teórica e metodológica de Schneider (1999) baseada nas análises do objeto de estudo, a estrutura da obra, o método e a teoria. A proposta teórica de Schneider (1999) é fundamentada no paradigma do capitalismo agrário introduzido pela socióloga Maria Baudel Wanderley que se baseia na sobrevivência do camponês através de alternativas de trabalho além de sua propriedade rural, incluindo a pluriatividade. Neste sentido, são analisadas as justificativas apresentadas por Schneider (1999) para apoiar o uso do trabalho do camponês do vale do Rio Sinos no Rio Grande do Sul para a utilização de mão-de-obra na indústria coureiro-calçadista e o uso das propriedades rurais através de arrendamento das terras para a produção de lenha pela silvicultura. Em suma, Schneider utiliza sua proposta teórica para idealizar o bem-estar dos agricultores familiares (camponeses) através de atividades não-agrícolas, sendo uma forma de exploração deste trabalho pelas indústrias coureiros-calçadistas.

Palavras-chave: Método; Paradigma; Pluriatividade; Teoria.

THEORETICAL-METHODOLOGICAL ANALYSIS OF NON- AGRICULTURAL ACTIVITIES BY PRODUCERS OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract

This article aims to present a theoretical and methodological analysis of Schneider (1999) based on the analysis of the object of study, the structure of the work, the method and the theory. The theoretical proposal of Schneider (1999) is based on the paradigm of agrarian capitalism introduced by sociologist Maria Baudel Wanderley which is based on the survival of peasant through alternative work in addition to your rural property, including the plus-activity. In this sense, it are analyzed the justifications presented by Schneider (1999) to support the use of the work of the farmer of the Valley of the Bells in Rio Grande do Sul for the use of labour in leather-footwear industry and the use of the properties through land lease rural for the production of firewood by forestry. In short, Schneider uses your theoretical proposal to idealize the welfare of farmers (peasants) through non-agricultural activities, being a form of exploitation of this work by leather workers industries-shoe.

Keywords: Method; Paradigm; Pluriatividade; Theory.

Introdução

Este manuscrito tem como finalidade apresentar a estrutura do pensamento desenvolvida pelo sociólogo Sérgio Schneider em seu livro “Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul” através da identificação do objeto, das correntes teóricas utilizadas para apoiar a interpretação do objeto pelo método, das metodologias utilizadas e principalmente, analisar criticamente a construção do pensamento do autor; sendo resultado de uma atividade realizada na disciplina

de Geografia Rural do curso de graduação em Geografia. Além desta proposta, contei com a leitura do “Dicionário de Filosofia” (ABBAGNANO, 2000) e do livro “Geografia e Filosofia” (SPOSITO, 2004). Além das bases da teoria do conhecimento utilizadas para as análises do objeto, da teoria, do método e da metodologia, foi necessária a leitura da parte introdutória do livro “Paradigmas do capitalismo agrário em questão” (ABRAMOVAY, 1998) e do artigo Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial (FERNANDES, 2005) para enfatizar a relação da formação do autor com a linha de pensamento do Paradigma do Capitalismo Agrário.

Partindo dos elementos da proposta, sobre o objeto é delimitado por Schneider (1999) como relação social. Em seguida destaca-se a forma de interpretação deste objeto no método e na estrutura da obra. Após a delimitação do objeto exponho os referenciais teóricos utilizados por Schneider (1999) através das teorias dos autores citados. Além da identificação dos conceitos e categorias são realizadas as relações com a forma de interpretação do autor, ou seja, previamente algumas colocações referentes ao método. Conclui-se a análise dos pressupostos teóricos com um "esqueleto" teórico, apresentando resumidamente as categorias e conceitos ao lado de seus respectivos autores.

A respeito da análise do método, primeiramente, após a definição filosófica do elemento, menciona as relações entre a forma de interpretação do autor com sua formação acadêmica, enfatizando o contato com os autores de participação direta com o Paradigma do Capitalismo Agrário. Seguindo esta colocação sobre a relação do método com o respectivo paradigma, procura relacionar a direção adotada pelo autor para explicar o objeto com o método materialista dialético. Para fechar a análise do método, destaca as incoerências do movimento do método ao tentar direcionar seus pressupostos teóricos com a realidade do objeto.

Na estrutura da obra, relaciona-se a organização da obra com a identificação da teoria, da metodologia e do método analisando a direção tomada pelo pensamento de Schneider (1999) no decorrer da obra. Esta atividade de análise estrutural esclarece a diferença entre a interpretação do objeto e a realidade estudada.

Para concluir a análise, enfatiza-se a forma de interpretação da relação social estudada com a visão paradigmática adotada por Schneider (1999).

Análise do objeto de estudo

Ao referir sobre o objeto de estudo apresentado pelo livro do sociólogo Sérgio Schneider, primeiramente deve-se levantar a fundamentação sobre o objeto. Para Abbagnano (2000), expondo a proposta de Dewey, "objeto é o resultado de uma operação de investigação[...] objetos são os objetivos da investigação" (ABBAGNANO, 2000, p. 724-725), ou seja, o objeto é o objetivo da interpretação do método utilizado pelo autor; e sendo considerado o termo de uma operação de investigação pode ser apresentado como o limite de determinada operação. A partir da delimitação do objeto através dos objetivos propostos, temos o ponto de partida para o estudo da construção do pensamento do autor.

Apresentando uma proposta fundamentada na Sociologia Rural, Schneider (1999) se propõe a desenvolver seu estudo sobre a reprodução social dos agricultores familiares como demonstra na introdução do livro: "nossa indagação fundamental refere-se aos efeitos da industrialização sobre as condições de reprodução social dos agricultores familiares" (SCHNEIDER, 1999, p. 15). Schneider se propõe a apresentar as estratégias de reprodução da agricultura familiar pelas novas formas de trabalho e de produção através de uma *articulação* entre o modo de vida colonial e o processo de descentralização da indústria do setor coureiro-calçadista na região da Colônia Velha alemã no Rio Grande do Sul.

Esta proposta demarcada na introdução pode ser comparada a demonstrada na conclusão da obra:

Para finalizar, cabe retomar o objetivo central deste livro, que teve como proposta *entender e explicar como os colonos de uma determinada região reorganizaram os mecanismos de sua reprodução social sem promover uma modernização tecnológica nos processos produtivos e sem abandonar os princípios 'rurais' que norteiam sua vida e seu comportamento* (SCHNEIDER, 1999, p. 191, grifos nossos).

A finalidade da obra é o processo social de reprodução da agricultura familiar, podendo este objeto ser entendido como uma relação social. Para Schneider (1999), as novas formas de trabalho e de produção, geradas pela pluriatividade, transformaram as relações sociais, implicando na transformação da sociabilidade da categoria social dos colonos-operários (categoria discutida na teoria). Por isso, o objeto reprodução social dos agricultores familiares é explicado por Schneider como relação social.

O objeto possui inúmeras interpretações que são influenciadas pela intencionalidade de Schneider (1999), podendo ser percebida com clareza na análise de seu método. Através da colocação acima, podemos considerar que a intenção de Schneider

(1999) é apoiar à interpretação do objeto a partir da teoria da pluriatividade. Com a utilização da pluriatividade envolvendo atividades não-agrícolas fora da propriedade, que garantem a renda necessária à manutenção do núcleo familiar, Schneider (1999) estabelece o contraponto com a agricultura tradicional. A manutenção da vida no campo é relacionada com a possibilidade de emprego na indústria coureiro-calçadista e de atividades complementares, como a acacicultura, ou seja, através de atividades não-agrícolas. Logo, o objetivo da investigação de Schneider é explicar o processo social de reprodução da agricultura familiar pela emergência da pluriatividade.

É importante salientarmos que, a leitura dos mecanismos de reprodução social dos colonos é feita com base nos conceitos retirados das teorias europeias (pluriatividade) e da intencionalidade herdada pela formação do autor. Isso ocasiona uma interpretação do objeto que não reproduz a realidade, sendo que a crítica ao método será feita a partir das incoerências encontradas nos desvios entre o objeto proposto e os referenciais teóricos utilizados para justificar o movimento do método.

A teoria utilizada por Schneider

A respeito da teoria, Schneider (1999) estabelece um forte vínculo com os referenciais teóricos apresentados ao longo do livro, como retrata na introdução: "Em vez de apresentar um marco teórico em um capítulo específico, *optamos por sua apresentação integrada à análise*. Dessa forma, *os pressupostos teóricos e os conceitos que orientam este trabalho estão expostos ao longo de todo o livro*" (SCHNEIDER, 1999, p. 17). Assim, o autor estabelece um forte apego aos referenciais citados durante toda a obra. Este exagero de citações nos leva a percepção da falta da distância deixada pelo autor entre o método e a realidade a ser interpretada. A utilização de conceitos e categorias das teorias europeias para construir sua análise modifica a leitura da realidade brasileira, como veremos na análise do método.

Para a análise dos referenciais utilizados por Schneider (1999), partiremos da definição de teoria proposta por Japiassu e Marcondes (1990), entendida como: "um conjunto de hipóteses sistematicamente organizadas que pretende, através de sua verificação, confirmação ou correção, explicar uma realidade determinada" (SPOSITO, 2004, p. 58). Esta definição deixa claro o nexo entre a leitura da realidade e o corpo analítico que fornece sustentação ao método. Esta proposta é reforçada por Sposito (2004, p. 59):

Em ciências humanas, a teoria pode ser concebida como um conjunto de conhecimentos, leis e princípios que permitem uma leitura e uma interpretação da realidade. A teoria, conjunto de elementos racionais, organiza o conhecimento a partir de uma lógica interna e através da utilização de um determinado método.

Como nos referimos acima, o objeto de estudo de Schneider é a reprodução social dos agricultores familiares, sendo que a estratégia de reprodução da agricultura familiar é demonstrada pela categoria da pluriatividade. Schneider reserva o último capítulo da obra para explicar sobre a origem desta teoria ao retratar sobre a relação entre a agricultura em tempo parcial (*part-time farming*) e o processo de diversificação de atividades que ocorre dentro e fora da propriedade rural (*multiple job holding*). Schneider (1999) designa a pluriatividade sendo "uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécie e transferências)" (SCHNEIDER, 1999, p.186).

Para sustentar a interpretação do objeto através da teoria da pluriatividade, Schneider realiza um resgate histórico através do conceito de sistema agrícola colonial, tendo como base o conceito de sociabilidade descrito por Maria Baudel Wanderley; e as teorias de Leo Waibel sobre as chamadas "zonas pioneiras", e Jean Roche sobre a combinação entre a agricultura colonial e demais atividades complementares, incluindo o artesanato. Schneider (1999) apresenta os empecilhos descritos pelos autores para justificar a decadência do sistema agrícola colonial, e ao mesmo tempo procura assimilar algumas características do sistema colonial com o surgimento da indústria calçadista. Esta comparação é estabelecida por Schneider ao se referir aos escritos de Waibel sobre a "zona pioneira" justificando o caráter autárquico da agricultura colonial; e a colocação sobre o desenvolvimento do artesanato através dos escritos de Roche como podemos citar: "[...] esta íntima relação entre agricultura e artesanato permitiu que os colonos estabelecessem várias estratégias de garantia de sua reprodução social"(Schneider, p.22). Além disso, o sociólogo apresenta a proposta de Kautsky, relacionando a falta de rendimentos oferecidos pela agricultura e a busca por atividades extra-agrícolas (SCHNEIDER, 1999). Sua indagação torna-se mais clara com o relacionamento entre o artesanato e o processo de divisão social do trabalho, cuja especialização de algumas atividades produtivas e a autonomização de algumas profissões acabaria com a autarquia da agricultura. Logo, Schneider (1999) se utiliza das colocações de Waibel e Roche para sustentar a proposta de que a decadência do sistema produtivo colonial

se deu através das próprias características da forma de produzir dos colonos, resultando na permanência das atividades não-agrícolas como forma de manutenção da unidade familiar.

A proposta teórica apresentada se estrutura na desarticulação do sistema produtivo colonial e do então surgimento de novas formas de trabalho e de produção, apresentadas como conceitos sustentando a categoria pluriatividade, através do desenvolvimento da indústria calçadista na região estudada (SCHNEIDER, 1999). O conceito formas de produção é instituído pelos conceitos de "industrialização difusa" de Garafoli e Bagnasco, "sistemas industriais localizados" de José Reis, e "sistemas produtivos locais" de Coukert (SCHNEIDER, 1999). Estes conceitos retirados das estratégias de descentralização industrial na Europa são fomentados pela *teoria da regulação* de Boyer e pelo conceito de regime de acumulação apresentado por Lipietz. Schneider (1999) realiza uma importante colocação a respeito da vinculação do local com as estratégias globais de acumulação de capital, através dos conceitos de regulação das relações de trabalho e regime de acumulação, como podemos destacar: "trata-se de ver como o processo de industrialização difusa articula as relações sociais de trabalho ao regime de acumulação vigente" (SCHNEIDER, 1999, p. 64). Ou seja, com as novas exigências do mercado internacional em relação à produção de calçados pela indústria coureiro-calçadista, se redefine as formas de organização dos processos produtivos e conseqüentemente, segundo Schneider (1999), no modo de regulação das relações de trabalho.

O arranjo teórico de Schneider (1999) procura sustentar os conceitos relações de trabalho e formas de produção através da crise do sistema produtivo colonial com o advento da agricultura em tempo parcial, e do novo regime de acumulação de capital conciliado pela regulação das relações de trabalho. A respeito das modificações do modo de vida colonial com a redefinição dos papéis familiares, o autor se utiliza das considerações de Chayanov e Tepicht ao enfatizar a organização interna do trabalho familiar. Schneider (1999) associa a teoria chayanoviana através do conceito de "ciclo demográfico" com a alternativa da acacicultura, podendo a família tomar a decisão de plantar, colher ou comercializar a floresta (p.104), justificando esta nova forma de produção como renda complementar de manutenção do núcleo familiar no campo. Considerando as novas relações de trabalho, Schneider (1999) se utiliza da teoria de Tepicht sobre a divisão interna do trabalho familiar utilizando-se dos conceitos de "forças plenas" e "forças marginais", e do conceito de "diferenciação demográfica" de Chayanov. Logo, o autor se utiliza destes conceitos para justificar a busca de trabalho assalariado nas indústrias calçadistas pelos integrantes mais jovens do núcleo

familiar ("forças plenas") e do trabalho parcial dos membros menos dispostos ("forças marginais") no cultivo e colheita da acácia e no trabalho subcontratado dos ateliês de calçados.

Além da divisão interna do trabalho familiar, Schneider (1999) demonstra diferentes tipos de organização de trabalho na indústria coureiro-calçadista, se referindo aos operários antigos, migrantes proletarizados e aos colonos-operários. A acumulação de capital pela indústria calçadista durante as décadas de 70 e 80 e a migração campo-cidade apenas é abordada em relação aos migrantes proletarizados. Schneider (1999, p. 120) os caracteriza como "indivíduos cujas condições de sobrevivência como agricultores foram eliminadas pelo processo de modernização da agricultura". Este nexos feito pelo autor considera que apenas os migrantes "de fora" tornaram-se assalariados devido ao processo de modernização da agricultura e concentração fundiária. Como iremos enfatizar na análise do método, Schneider (1999) demonstra estas categorias sociais como "estratégias utilizadas pelos trabalhadores para garantir sua reprodução social"(p.120) e não como resultado da desigualdade gerada pelo regime de acumulação de capital.

Dos três tipos, o fundamental para a análise teórica da obra é a categoria social dos "colonos-operários". Os colonos-operários, na obra, são considerados filhos dos colonos que se assalariam na indústria coureiro-calçadista obtendo garantia de renda para a reprodução social familiar. Além disso, realizam um deslocamento pendular do lote até as unidades industriais e mantêm uma forte integração com os valores simbólicos do modo de vida colonial. Schneider utiliza esta categoria social de Seyferth. Através das colocações de Seyferth, o autor enfatiza o argumento a respeito do colono-operário, considerando este como trabalhador da indústria e, ao mesmo tempo, como proprietário da terra:

Seu *status* não é propriamente o de operários, nem eles se consideram membros da classe operária, embora sua condição de industriário tenha reduzido bastante sua atividade agrícola. O que os distingue dos outros operários é o fato de que possuem outra ocupação, pertencem a famílias que têm propriedade das terras que cultivam e não residem na área urbana. Paradoxalmente, *são ao mesmo tempo assalariados por um lado e proprietários dos meios de produção de outro*(Seyferth,1987).[...] Entretanto, o elemento diferenciador entre o colono-operário e os outros trabalhadores é sua ligação com a terra. É a propriedade da terra que garante o vínculo do operário com o modo de vida colonial. (SCHNEIDER, 1999, p. 148).

Neste trecho encontramos a justificativa da manutenção da categoria de colono vinculada à propriedade da terra mantendo-o residente no meio rural e conseqüentemente perpetuando os valores sociais. Porém, a nosso ver, esta manutenção da propriedade da terra torna-se discutível, pois com o assalariamento nas indústrias, o tempo de cultivo da terra

diminui drasticamente, isso sem se referir à subcontratação dos demais membros da família. Além disso, as novas relações de trabalho no campo como o arrendamento, a parceria e a meeira facilitaram a inserção do capital pela apropriação da renda da terra, através da acacicultura, visando atender a demanda da produção verticalizada sob o regime fordista de acumulação a partir da década de 1970. Como retrata Schneider (1999, p. 124): "[...] a precária situação de muitas famílias de pequenos agricultores fez com que várias delas vendessem seu lote de terras e passassem a residir definitivamente nas cidades". Logo, as estratégias de acumulação do capital não só se restringem a descentralização industrial visando o assalariamento da força de trabalho disponível no campo, mas também a apropriação da renda da terra.

Apesar de manter a propriedade de um lote de terras e os vínculos subjetivos com seu lugar de origem, o "colono-operário" vende ou arrenda parte dessa pouca terra que possui para o cultivo da acácia necessária à produção em larga escala, se proletariza nas unidades industriais, e os demais membros de sua família abandonam as atividades agrícolas para serem subcontratados nos ateliês de calçados. Por isso, a descentralização industrial implica na destruição das atividades desempenhadas dentro da propriedade direcionando a força de trabalho dos antigos colonos para as exigências da acumulação de capital. O emprego nas indústrias calçadistas é demonstrado por Schneider como solução da crise interna do sistema produtivo colonial, cuja agricultura tradicional torna-se decadente para ele por causa de suas próprias formas de cultivo, e não como uma barreira às exigências do padrão fordista de acumulação.

Ao se contrapor à proposta estrutural demonstrada acima, Schneider (1999) se aproveita do conceito de *formas de sociabilidade*, descrevendo esta como: "[...] modo pelo qual se estruturam as relações sociais que a família do colono-camponês estabelece com os elementos exteriores" (SCHNEIDER, 1999, p. 21). Em relação ao termo colono, Schneider diferencia o colono do agricultor, considerando que "ser *colono* não significa apenas ser um agricultor que cultiva a terra, mas *comporta-se de acordo com um conjunto de valores simbólicos e práticas culturais identificados com o modo de vida colonial*" (SCHNEIDER, 1999, p. 149). Esta consideração nos leva a perceber a utilização da sociabilidade como forma de manutenção do colono na pequena propriedade rural, cujo autor tenta fazer um contraponto com a acumulação de capital pela indústria calçadista através do assalariamento do "colono-operário". Aproveitando o destaque, uma característica da obra de Schneider é a referência ao colono e a ausência da figura do camponês.

O conceito de sociabilidade se aproxima da coerência estabelecida pelo conceito de "espaço social", cujo colono-operário não se identifica como assalariado, mas como pertencente aos laços familiares, como podemos citar:

No ambiente rural em que transcorre sua vida, este trabalhador pode extrapolar sua condição de assalariado e de vendedor de força de trabalho[...] O ambiente rural exerce sobre o indivíduo colono-operário uma atração como *espaço social*, pois nele ocorrem as relações sociais comunitárias[...] Este é o caso das relações de parentesco, de etnia e de religiosidade que, *não obstante tenham se metamorfoseado, ainda regulam a conduta, a solidariedade e os laços de pertencimento dos indivíduos* àquele grupo social (SCHNEIDER, 1999, p.149, grifos nossos).

Esta proposta de Schneider se enquadra na justificativa de manutenção da família no campo, mesmo sendo o trabalho assalariado na indústria a principal fonte de renda e de manutenção do núcleo familiar. Para sustentar a pluriatividade das famílias e a plurifuncionalidade dos solos, Schneider aborda as noções portuguesas sobre o conceito de espaço periurbano, através da teoria de José Reis e do conceito de *continuum* utilizado por Coulert. Visando inserir a proposta de pluriatividade e de interiorização industrial, o sociólogo procura articular o espaço rural e urbano. Esta suposta aproximação espacial, inclusive relacionada com a estratégia de terceirização, reforça a proposta de fixação do colono-operário na área rural, porém a ideia de periurbanização torna-se incoerente com a seguinte colocação:

Contudo, nas regiões estudadas, percebe-se que, embora as empresas tenham se deslocado dos centros urbanos para o interior, isso não quer dizer que passarão a se localizar próximas às residências dos colonos. [...] Há casos em que trabalhadores viajam de duas a quatro horas diárias, percorrendo longas distâncias entre a moradia e o local de trabalho. Isso quando não há a necessidade de tomar uma dupla condução, por exemplo, quando o ônibus não pode passar próximo da casa devido à precariedade das estradas (SCHNEIDER, 1999, p. 152).

Além dos conceitos de espaço social e periurbano, Schneider enfatiza a distinção proposta por Kayser a respeito dos conceitos de espaço rural e agrícola:

No *espaço rural* coexistem atividades rurais e agrícolas - espaço de produção agrícola de subsistência e local de moradia dos membros das famílias rurais que trabalham em *atividades não-agrícolas*. Ao passo que no espaço agrícola predominam as atividades agrárias, direta e exclusivamente ligadas ao cultivo da terra e à produção (SCHNEIDER, 1999, p.170).

Um importante nexos deixado na colocação do conceito de espaço rural pode ser considerado na teoria. Como veremos no método, Schneider (1999) relaciona a categoria pluriatividade com atividades não-agrícolas. O conceito de espaço rural é associado com o termo "renascimento rural" de Kayser ao argumentar sobre a substituição da decadente agricultura tradicional pelo desenvolvimento da indústria coureiro-calçadista e por atividades

turísticas nos sítios da região estudada. Nesta colocação sobre os conceitos de espaço social, periurbano e rural, Schneider faz uma leitura espacial para explicar as relações sociais de reprodução da agricultura familiar, ou seja, uma leitura geográfica para sustentar a interpretação sobre um objeto da Sociologia Rural.

Após a colocação das categorias e conceitos citados, antes de partirmos para a discussão referente ao método, devemos discutir sobre a sustentação teórica elaborada por Schneider (1999). Primeiramente, podemos considerar que a explicação para o objeto reprodução social dos agricultores familiares é dada pela categoria pluriatividade. Para dar sustentação a esta categoria principal, temos os conceitos formas de produção e relações de trabalho. A base destes conceitos é estabelecida pela referência à crise do sistema agrícola colonial e a emergência da descentralização industrial através dos conceitos de regulação e acumulação. O conceito formas de produção é sustentado pelos conceitos de industrialização difusa, sistemas industriais localizados e sistemas produtivos locais. Já o conceito relações de trabalho é apoiada pela categoria social dos colonos-operários. A categoria social colonos-operários se apoia nos conceitos de formas de sociabilidade e espaço social. Já os conceitos de espaço periurbano e espaço rural sustentam a proposta de articulação, ou invés de subordinação, entre as estratégias de reprodução da agricultura familiar e de acumulação de capital, fundamentais para consolidar o uso dos conceitos formas de produção e relações de trabalho. A articulação entre as estratégias de reprodução da agricultura familiar através das novas relações de trabalho, e as estratégias de acumulação de capital através das novas formas de produção pela descentralização industrial, sustenta o corpo teórico apoiado na categoria pluriatividade.

Logo, as correntes teóricas apresentadas procuram relacionar as transformações na reprodução da agricultura familiar pautadas pelo novo patamar de acumulação desempenhado pelos processos produtivos. A classe camponesa é explicada pelo autor através da busca de atividades não-agrícolas (novas relações de trabalho) desempenhando papéis fora do lote, cujo capital visa incorporá-las à sua lógica de acumulação. Porém, a teoria da pluriatividade, utilizada por Schneider, justifica a exploração do trabalho assalariado através da garantia de renda para reprodução social. Estas incoerências serão analisadas com ênfase na desconstrução do método.

Análise do método desenvolvido por Schneider

Considerando a parte fundamental desta análise, as definições do método e das influências herdadas pela formação de Schneider (1999), sendo fundamentais para a análise do método proposto, e relacionam-se as formas de interpretação com o Paradigma do Capitalismo Agrário, e apresentar a estrutura do método propriamente dito relacionando com as características do materialismo dialético utilizado pelo sociólogo. Para concluir a análise do método abordado, enfatizo as incoerências deixadas pelo autor na interpretação do objeto.

Abbagnano (2000, p. 668) considera o método "uma técnica particular de pesquisa" ou "qualquer pesquisa ou orientação de pesquisa". Logo, podemos considerar que o método é uma técnica empregada pelo próprio autor para dar movimento a sua interpretação. O método visa basicamente estabelecer uma coerência a corrente de pensamento do autor e fazer uma leitura "verdadeira" a partir de princípios e teorias de cunho filosófico, político, religioso ou científico. As concepções descritas como verdadeiras pelo autor são instituídas por uma doutrina, sendo este um dos elementos do método. A descrição de doutrina é retratada por Sposito (2004) como um "conjunto sistemático de concepções de ordem teórica ensinadas como verdadeiras por um autor, corrente de pensamento ou mestre" (SPOSITO, 2004, p. 56). A respeito da intencionalidade, já descrita acima, um outro elemento do método é a ideologia, sendo esta considerada um "conjunto de princípios e teorias que determinam o caráter de verdade de um sistema filosófico, político ou religioso" (SPOSITO, 2004, p. 56). Um exemplo da ideologia é citado por Schneider em: "A situação de penúria e crise em que viviam os colonos-operários, rapidamente, foi contrastada pelo oásis que havia se formado na região coureiro-calçadista" (SCHNEIDER, 1999, p. 134). Esta citação demonstra o caráter ideológico decorrente da intencionalidade do autor. Estas doutrinas quando compartilhadas por um conjunto de cientistas ocasionam a existência de um paradigma (ABRAMOVAY, 1998, p. 20-21).

Por conseguinte, na desconstrução do método levaremos em consideração os pressupostos adquiridos na formação do autor e as incoerências que contestam o caráter de "verdade" do pensamento desenvolvido. Antes de discutirmos sobre a relação entre o método de Schneider (1999) e a proposta paradigmática, iniciaremos esta análise a partir da discussão sobre os autores que influenciaram a formação acadêmica de Schneider. Schneider (1999) realizou o mestrado em Sociologia pela Unicamp tendo como orientadora Maria de

Nazareth Baudel Wanderley. O prefácio do livro escrito por esta autora, cujo fragmento destaca o papel da pluriatividade nos países de agricultura moderna na reprodução da vida social no meio rural, e que este processo está longe de expulsar o agricultor do campo e da saída definitiva do setor agrícola, como demonstrava muitos estudiosos (SCHNEIDER, 1999, p. 7-8). Além disso, ressalta que o "agricultor moderno" é estimulado a tornar-se polivalente ao se integrar à outras atividades associadas ao desenvolvimento das potencialidades locais (p.9, idem). Além da proposta de Baudel Wanderley, Schneider (1999) retrata na introdução do livro a contribuição de José Graziano da Silva em sua formação, através de sua participação no projeto Rurbano, sendo este, um "projeto de pesquisa de equipe cujo objetivo é analisar as transformações do 'mundo rural' e a expansão das atividades não-agrícolas" (SCHNEIDER, 1999, p. 17). Assim, uma das indagações do autor é abordar o objeto através de seus vínculos com a pesquisa acadêmica sobre a expansão de atividades não-agrícolas no espaço rural, através da categoria pluriatividade.

Estes vínculos com a pesquisa acadêmica são demonstrados pela aproximação do método de Schneider com a corrente paradigmática compartilhada pelos autores responsáveis pela sua formação. Ao mencionar sobre a transitoriedade da agricultura em tempo parcial para a pluriatividade, Schneider se aproxima da discussão sobre os paradigmas da questão agrária e da agricultura familiar (ou capitalismo agrário), no seguinte fragmento:

O principal argumento sobre a transitoriedade da agricultura familiar de tempo parcial baseia-se nas seguintes características do processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura:

- a) *A agricultura de tempo parcial e a pluriatividade seriam formas residuais de persistência de um falso tipo de categoria social na agricultura que tende, no processo de desenvolvimento do capitalismo, ao assalariamento (proletarização) ou ao aburguesamento. No caso das propriedades de tempo parcial, elas se tornariam propriedades full-time ou se decomporiam como unidades produtivas, restando-lhes a venda da propriedade e o assalariamento.*
- b) *A agricultura de tempo parcial seria um fenômeno transitório e localizado em função das dificuldades circunstanciais (crédito e mercado) que atingem, geralmente, os pequenos agricultores cujas propriedades situam-se em regiões de montanha ou em áreas desfavorecidas (SCHNEIDER, 1999, p.181).*

Descrevendo sobre a transitoriedade da agricultura familiar, na primeira parte temos a referência ao Paradigma da Questão Agrária considerando a agricultura em tempo parcial uma forma residual de persistência que tende à proletarização ou ao aburguesamento decorrente do processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura. A segunda parte menciona o paradigma do capitalismo agrário ao tratar a agricultura em tempo parcial num fenômeno transitório decorrente dos empecilhos conjunturais e não estruturais, do qual, na obra é uma a transição para a pluriatividade, ou seja, para a reprodução da agricultura familiar.

A análise dos paradigmas e das referências citadas na obra nos conduz a considerarmos a interpretação de Schneider (1999) de estreita relação com o *paradigma do Capitalismo Agrário*.

Sobre a teoria, Schneider (1999) estrutura sua interpretação do objeto a partir da categoria *pluriatividade*. Esta categoria foi formulada através da referência ao *desenvolvimento do capitalismo na agricultura dos países desenvolvidos*. O forte apego às teorias de pesquisadores europeus demonstra uma característica dos autores deste paradigma, ao aplicar os conceitos da realidade da agricultura familiar europeia na estrutura agrária brasileira. Uma outra relevância fundamental é a relação entre o conceito de sociabilidade. Esta colocação é sintetizada no seguinte fragmento:

O modo de vida colonial deixou de existir em sua plenitude, mas, no entanto, algumas características de sua *sociabilidade* foram revitalizadas e se *metamorfosearam* em um novo ambiente social e econômico *do qual participam as indústrias de calçados e os agricultores familiares pluriativos*. A *vida no campo, antes sinônimo de atraso e privação*, crescentemente passa a ser vista como um privilégio quando comparada ao trabalho, à alimentação, à segurança e à qualidade de vida das sociedades urbanas contemporâneas (SCHNEIDER, 1999, p. 191, grifos nossos).

A *metamorfose do colono em colono-operário*, ou melhor, *do colono em agricultor familiar pluriativo* decorrente do assalariamento do colono-operário na indústria coureiro-calçadista, e dos demais membros da família nos trabalhos informais dos ateliês para garantia de renda necessária à reprodução da agricultura familiar. Para Schneider (1999), o assalariamento do colono constitui-se numa alternativa às dificuldades apresentadas pela decadência do sistema produtivo colonial, e o emprego fora da propriedade ofertado pela indústria torna-se uma estratégia de permanência na propriedade agrícola. Além das considerações sobre a transformação do colono em agricultor familiar pluriativo, Schneider (1999) justifica a visão de atraso a respeito do sistema agrícola colonial adotado na região da Colônia Velha alemã em comparação às mudanças na forma de produzir dos colonos da região Noroeste do RS, com o chamado "fenômeno soja". Um fragmento simplifica a estreita visão de Schneider (1999) com o Paradigma do Capitalismo Agrário, em:

A grande maioria dos *pequenos proprietários que não conseguiu incorporar o progresso técnico* e adequar-se às economias de escala na produção de soja viu-se *forçada a abandonar suas atividades rurais e buscar alternativas para sua reprodução* (SCHNEIDER, 1999, p. 86-87).

Em resumo, Schneider coloca que o sistema agrícola adotado pelos colonos teve a chance de aderir a sojicultura e modernizar sua produção. A perda da oportunidade de incorporação destas inovações técnicas fez com que inúmeros trabalhadores, na interpretação de Schneider (1999), buscassem outras alternativas para sua reprodução, como a migração para as regiões Norte e Centro-Oeste em decorrência dos projetos de

colonização, o surgimento de movimentos sociais organizados e de novas estratégias de reprodução da agricultura familiar como a parceria, e o assalariamento destes trabalhadores rurais nos centros urbanos.

Logo, as referências da agricultura familiar nos países desenvolvidos, da metamorfose de colono à agricultor familiar pluriativo através do emprego ofertado pela indústria, e do caráter de atraso do sistema agrícola colonial pela não incorporação das inovações técnicas pelos colonos reproduzem a tendência paradigmática da agricultura familiar. Além das características já descritas, o paradigma do Capitalismo Agrário está presente na obra de Schneider pelo fato deste autor considerar que apenas através da pluriatividade é possível a reprodução social dos agricultores familiares. Ou seja, o agricultor familiar só não sobreviverá no campo caso não aceite as atividades oferecidas pela indústria coureiro-calçadista.

A respeito da relação com os referenciais teóricos abordados, podemos considerar a interpretação de Schneider (1999), sobre o *processo social de reprodução da agricultura familiar através da pluriatividade*, um *método materialista dialético*. Isso porque, Schneider trabalha com as transformações do modo de vida colonial provocadas pela decadência do sistema agrícola colonial com a emergência de novas formas de trabalho e de produção articuladas pelo processo de industrialização difusa através da pluriatividade. Além de realizar um levantamento sobre a historicidade do processo de colonização através das formas de sociabilidade e de produzir dos colonos, e da origem e consolidação do processo de industrialização do setor calçadista gaúcho, Schneider (1999) destaca a especificidade que tornaram possível a articulação entre a reprodução social familiar da região enfocada e a acumulação de capital. Esta colocação é reforçada em:

No entanto, é preciso frisar que esta é a moldura analítica que orienta a análise do *processo de industrialização*, no qual se enfatiza sua *historicidade* e sua relação com o modo de vida dos colonos e com as *estratégias locais* de reprodução social da força de trabalho, buscando demonstrar qual a *especificidade dessa articulação* e de que maneira ela contribui para seu desenvolvimento (SCHNEIDER, 1999, p. 58, grifos nossos).

A especificidade é um apoio fundamental do método de Schneider (1999), pois este autor enfatiza as relações sociais através das formas de sociabilidade ao invés das interferências dos processos econômico-estruturais. Um ponto fundamental na análise do método de Schneider (1999) é justificar que a industrialização difusa não ocasionou a eliminação das relações sócio-econômicas, mas se articulou com a sociabilidade comunitária local mantida pelos colonos. Nota-se que, apesar de mostrar o caráter de movimento e

superação das atividades produtivas e das relações de trabalho com a decadência das atividades agrícolas tradicionais e a emergência da pluriatividade, o sociólogo aborda a *industrialização* não apenas como um processo de alteração das relações de produção, mas também *como um processo social*. Para Schneider (1999) este processo social de industrialização não ocasionaria a eliminação das relações sociais e econômicas anteriores, nem a redução dos agentes sociais em apenas duas classes, contrapondo a proposta marxista. A proposta apresentada, ao "mascarar" a desigualdade gerada pelo processo de industrialização, é baseada na manutenção do modo de vida colonial, sendo o colono-operário um sujeito que valoriza sua tradição e disciplina, seus costumes e sua etnia da qual pertence. Segundo Schneider (1999), esta manutenção desses valores fixa o colono-operário no campo e as atividades não-agrícolas ofertadas pela indústria são consideradas fontes de renda necessárias para sua reprodução social e não como forma de exploração de seu trabalho e como processo que resulta na perda de sua pequena propriedade a favor do capital industrial.

Além da historicidade e da especificidade, outro termo fundamental para o método de Schneider é a articulação. Para o autor, as atividades pluriativas só tornaram possíveis graças à articulação entre as estratégias de reprodução da agricultura familiar e as estratégias de acumulação de capital, como podemos destacar em: "dessa *articulação* surgem novas relações de trabalho que se constituem, ao mesmo tempo, em *estratégias familiares de reprodução social* (no caso das famílias rurais) e em *estratégias de acumulação de capital* (no caso da espoliação da mais-valia em favor das indústrias de calçados)" (SCHNEIDER, 1999, p.171, grifos nossos). A pluriatividade ocorreu devido a articulação das novas formas de trabalho e de produção com a descentralização industrial, garantindo a permanência da agricultura familiar.

Em seu método, Schneider (1999) se utiliza do termo articulação ao invés de eliminação e subordinação. Esta consideração da articulação, ao invés da eliminação das relações sociais inerentes à lógica do capital, é destacada em:

Entretanto, essa "desarticulação" nem sempre teve como condição *sine qua non* a eliminação das relações sociais e econômicas anteriores. Essa é uma conclusão que se sustenta na constatação de que *o capital* (no caso da indústria de calçados) *desarticula o modo de vida, a lógica da produção familiar e a sociabilidade comunitária tradicionais, para então reconfigurá-los e reinseri-los novamente no processo social* (SCHNEIDER, 1999, p. 191, grifos nossos).

O método de Schneider é apoiado nesta indagação sobre a garantia da reprodução social dos agricultores pluriativos através das novas formas de trabalho e de produção definidas pelo capital. Ao invés de serem eliminados pelo ingresso do trabalho assalariado nas indústrias e pela subordinação do trabalho da terra ao capital industrial, os colonos-

operários são reinseridos no processo social pela articulação da pluriatividade com seu modo de vida. Devido a decadência do sistema colonial, o emprego nas indústrias e as novas formas de trabalho no campo (parceria, meeira, arrendamento...) são as únicas fontes alternativas para reprodução da agricultura familiar, segundo Schneider (1999). Através do termo articulação, Schneider propõe que o processo de acumulação de capital pela descentralização industrial beneficiou tanto os colonos ao garantir sua reprodução quanto a ampliação da mais-valia, em: "a industrialização difusa, ao ampliar o mercado de trabalho e criar novas formas de ocupação profissional possibilitou, de um lado, a reprodução da agricultura familiar e, de outro, a exploração da mais-valia e a acumulação de capital" (SCHNEIDER, 1999, p. 122).

A pluriatividade, consequência das novas formas de trabalho e de produção articuladas pela descentralização industrial, é a única garantia de reprodução social da agricultura familiar, segundo o método elaborado por Schneider. Com a pluriatividade, "A terra e o trabalho na agricultura tiveram seu sentido originário alterado e assumiram características distintas" (SCHNEIDER, 1999, p. 191). A propriedade da terra, antes fonte de subsistência à família colonial através da policultura tradicional, agora torna-se fonte de renda para a acacicultura e as atividades turísticas, podendo ser vendida ou arrendada pelo colono às indústrias calçadistas. O trabalho que antes era da terra, das atividades destinadas ao cultivo da agricultura colonial, insere-se nas atividades pluriativas.

Portanto, a principal crítica ao método é a utilização de teorias europeias para explicar a realidade da agricultura familiar brasileira. Visando explicar a reprodução da agricultura familiar através da pluriatividade, Schneider (1999) se apega às citações dos autores europeus ao construir sua interpretação do objeto. Para dar coerência a este método, o termo articulação e o conceito de sociabilidade são fundamentais na explicar a permanência do colono no campo. O método evita expor o caráter estrutural do desenvolvimento do capitalismo na agricultura, demonstrando que a lógica do capital não elimina as relações sociais adjacentes, mas as reinsere no processo social através das novas formas de trabalho e de produção. Em minha opinião, Schneider acaba por não explicar a realidade do objeto proposto, ao manter um "abismo" entre as teorias utilizadas e a realidade do objeto. Schneider (1999) parte da agricultura colonial em direção à pluriatividade se utilizando das características do objeto reprodução social da agricultura familiar para explicar a aplicação da teoria da pluriatividade na realidade brasileira.

As metodologias utilizadas por Schneider

Sobre os procedimentos técnicos para averiguação das suas considerações sobre o objeto, Schneider (1999) utiliza principalmente de entrevistas através do diálogo informal com empresários do setor calçadista, filhos dos colonos, operários e sindicalistas. Além das entrevistas, o autor se utilizou de informações divulgadas pela imprensa (jornais e revistas), consulta de arquivos divulgados por órgãos empresariais e sindicais, e de dados secundários publicados em revistas especializadas. Ao longo da obra podemos notar a predominância das entrevistas sobre os dados quantitativos, onde as tabelas, os quadros e mapa em número reduzido são apenas ilustrativos. Além disso, o autor ilustra o início de cada capítulo com um respectivo quadro artístico.

A respeito das entrevistas, nota-se que a grande maioria foi realizada com empresários, diretores das empresas e empreiteiros do ramo coureiro-calçadista; e as poucas entrevistas com os colonos-operários, acacicultores e operários reproduzem apenas opiniões favoráveis ao emprego ofertado nas indústrias. Podemos destacar um fragmento de uma entrevista feita com um colono-operário: "[...] Aqui na fábrica facilita mais porque o serviço é leve e nós era acostumado com o serviço pesado. Agora voltá pra colônia seria difícil porque já desacostumou tudo. [...] Na firma é muito mais fácil que na roça (R.K., colono-operário)" (SCHNEIDER, 1999, p.150). Conseqüentemente as entrevistas estão coerentes com o método abordado, cujas metodologias qualitativas são trabalhadas pelo autor para comprovar sua interpretação sobre o objeto em campo. Porém, a meu ver, as expressões das entrevistas podem ser deturpadas pelo autor, sendo que o sociólogo pode apenas se referir às opiniões convergentes à sua proposta de interpretação.

A estrutura da obra de Schneider

A respeito da organização da obra, na introdução, Schneider (1999) retrata com clareza o objeto proposto na obra e sobre a metodologia. Além disso, Schneider (1999) enfatiza sobre sua proposta de apresentação integrada dos pressupostos teóricos e da leitura do objeto ao longo de todo o livro; e retrata sucintamente sobre a temática dos capítulos da obra. No primeiro capítulo temos um resgate histórico das características do sistema agrícola colonial antes do processo de industrialização; e no segundo, o autor retrata sobre o processo

social de industrialização difusa decorrente da ampliação do mercado internacional do setor coureiro-calçadista e as transformações sociais e econômicas resultantes. No terceiro capítulo são apresentadas as causas internas da desarticulação do sistema agrícola colonial e a emergência das novas formas de trabalho e de produção através da pluriatividade como estratégia de reprodução familiar. O quarto capítulo retrata as estratégias de reprodução familiar pelas novas garantias de renda através das novas relações de trabalho ofertadas pela descentralização industrial. Já o quinto capítulo aborda as transformações no espaço rural e social pelas transformações ocasionadas pela pluriatividade. No sexto capítulo, Schneider explica sobre a pluriatividade no contexto internacional, ao invés de finalizar a obra com a reprodução da agricultura familiar, ou seja, com o objeto mencionado. O objeto é retomado em uma conclusão de apenas duas páginas, onde o autor parafraseia as propostas mencionadas no terceiro e quarto capítulos.

Schneider (1999) se prende tanto aos referenciais teóricos europeus que acaba por explicar mais sobre a categoria pluriatividade do que sobre o processo social de reprodução da agricultura familiar. Sobre a discussão do método, Schneider (1999) ao partir da agricultura familiar tradicional em direção à pluriatividade, se propõe a ler o objeto da realidade brasileira a partir de uma discussão teórica da realidade europeia. Uma dificuldade que me deparei foi se este caminho da agricultura familiar em direção à pluriatividade parte do particular para o geral ou o oposto, pois Schneider parte do particular pelas características das formas de sociabilidade e de produção dos colonos da região da Colônia Velha alemã, mas o apego à categoria pluriatividade o leva à considerações gerais sobre a pluriatividade como estratégia de reprodução da agricultura familiar.

Sobre a relação entre a estrutura da obra e a identificação da teoria, da metodologia e do método. A teoria está presente em todo o livro, percebida pelo número excessivo de citações. Os procedimentos metodológicos, principalmente as entrevistas, são encontrados entre o primeiro e o quarto capítulos. Já o método só é possível de ser identificado a partir do terceiro capítulo quando Schneider se refere a desarticulação do sistema agrícola e a emergência da pluriatividade como estratégia de reprodução familiar.

O apego teórico para argumentar sobre a realidade estudada torna a obra superficialmente coerente. Porém o método materialista dialético utilizado pelo autor para explicar as transformações nas formas de reprodução da agricultura familiar torna a leitura da obra complexa. Em análise, as incoerências só são identificadas pela análise da estrutura

do método e do encontro do objeto decorrente da atividade de análise teórica e metodológica.

Apesar de se manter coerente no desenvolvimento de seu método graças ao apoio sobre os conceitos e as categorias dos autores europeus, Schneider (1999) tem dificuldade de concluir seu pensamento. Partindo da agricultura colonial em direção à pluriatividade, o autor demonstra nos dois primeiros capítulos os pressupostos históricos onde aponta as causas das novas formas de trabalho e de produção que articularam o modo de vida dos colonos e as exigências da acumulação de capital resultando na pluriatividade apresentada no terceiro capítulo. O quarto capítulo reforça a estratégia da pluriatividade ao destacar as transformações na organização do trabalho provocadas pela descentralização e terceirização das unidades produtivas. A partir do penúltimo capítulo, Schneider (1999) começa a parafrasear suas expressões, como demonstra em: "neste capítulo, busca-se sintetizar as principais questões desenvolvidas, lançando algumas ideias referentes à situação atual da agricultura familiar"(SCHNEIDER, 1999, p.167), se utilizando de conceitos como retratei na teoria (sistemas produtivos locais, espaços periurbanos, espaço social). O distanciamento da leitura referente ao objeto torna-se nítida no último capítulo onde o autor aborda as origens da teoria da pluriatividade e a situação da agricultura familiar na Europa. O autor destaca: "este capítulo tem o objetivo de fornecer ao leitor uma breve e sucinta revisão sobre o debate recente acerca da pluriatividade e das transformações da agricultura familiar na literatura internacional" (SCHNEIDER, 1999, p.179). Assim, Schneider (1999) direciona a discussão sobre a pluriatividade para o cenário europeu ao invés de concluir seu pensamento na realidade brasileira.

Em suma, ao estruturar a obra, o sociólogo deixa claro na introdução sua metodologia e fornece as margens necessárias para a identificação dos referenciais teóricos e do objeto. Apenas consegui perceber o método com a leitura do terceiro capítulo, quando se aborda a pluriatividade como estratégia de reprodução familiar. Apesar disso, o apoio do autor à categoria da pluriatividade, durante o decorrer da leitura me deixou em dúvida se a própria pluriatividade não seria o objeto da obra. Porém, a leitura do quarto capítulo que enfatiza a manutenção do colono no campo devido sua conduta social tendo como enfoque o processo social. Esta colocação fica clara com a conclusão em: "a análise das novas formas de trabalho e de produção dos colonos-operários demonstrou como o assalariamento e as atividades não-agrícolas permitiram que os colonos continuassem vivendo em suas propriedades e em sua comunidade local" (SCHNEIDER, 1999, p. 191). Neste sentido, a

análise da pluriatividade permitiu que os colonos garantissem sua reprodução social; a interpretação do objeto reprodução da agricultura familiar se dá pela pluriatividade, pois, o objeto possui outras formas de interpretação.

Conclusões finais

A obra desconstruída teve como enfoque principal a interpretação da reprodução da agricultura familiar. A forma de interpretação desta relação social por Schneider, através da pluriatividade, inviabiliza a discussão sobre o processo desigual gerador da destruição e recriação das relações sociais resultado da contradição estrutural do desenvolvimento do capitalismo, ou seja, a discussão sobre a questão agrária (FERNANDES, 2005). Para Schneider, o problema conjuntural de desarticulação do sistema agrícola tradicional foi superado pela emergência da pluriatividade. A mudança na conjuntura socioeconômica pela descentralização industrial, ao invés de gerar os conflitos sociais com a destruição das relações sociais sustentadas pela forma de sociabilidade, reconfigurou as relações sociais novamente no processo social, garantindo a reprodução social dos colonos.

A interpretação do desenvolvimento da agricultura, segundo a obra, ocorreu pelo movimento de metamorfose e não se destruição e recriação do campesinato. A pluriatividade, resultado das novas formas de trabalho e de produção através da articulação entre o modo de vida dos colonos e acumulação de capital, não elimina o colono pelo processo contraditório de penetração das novas formas de exploração de seu trabalho nas indústrias, mas o reproduz pela sua transformação em agricultor familiar da pluriatividade. Para relacionar a interpretação construída por Schneider (1999) com a leitura do Paradigma do Capitalismo Agrário, a relação social de reprodução da agricultura familiar, como já retratei, é o objeto, cujo colono é tratado por Schneider (1999) como um objeto a ponto de sofrer uma metamorfose em agricultor pluriativo para se adequar à realidade. Para o autor, o colono não é um sujeito que resiste ao capital, mas um objeto que se transforma de acordo com as exigências do mercado.

Além da distância de Schneider (1999) entre a realidade do objeto e as teorias utilizadas, a relação social não é interpretada como sujeito do processo social, mas como um objeto reproduzido pela pluriatividade. A obra demonstra uma sociabilidade inexistente no campo, um modo de vida social ausente de questão agrária. Mesmo se utilizando dos processos dialéticos de transformação do meio e do modo de vida rural através da superação

do sistema agrícola colonial pela pluriatividade, sendo estas características do método dialético, o autor não menciona as contradições estruturais na relação social estudada.

A atividade de análise teórica e metodológica foi um exercício fundamental para se conhecer as formas de interpretação e de construção do conhecimento, principalmente devido o contato com os elementos de produção do conhecimento: objeto, teoria, método e metodologia; cuja compreensão é fundamental em um curso de graduação. Na atividade, além de delimitar o objeto, citar os conceitos e categorias referidos, identificar a forma de interpretação do objeto pelo método e retratar sobre a metodologia utilizada pelo autor; procurei dar ênfase na própria construção do pensamento de Schneider (1999) destacando as partes inerentes à interpretação através do objeto, teoria e método não me apegando aos limites entre estes elementos. Posso destacar a utilização da parte sobre o método onde me apoiarei nas relações entre a interpretação construída do objeto e a formação do autor que teve como base as leituras feitas pelos autores do Paradigma do Capitalismo Agrário.

A análise teórica e metodológica foi importante não só para aplicar os conceitos abordados na disciplina de Geografia Rural sobre os paradigmas, mas pela compreensão filosófica necessária à metodologia de trabalhos científicos, fundamental na formação do geógrafo. A atividade chama atenção para a necessidade de busca das origens dos conceitos e da produção científica, que sustentam uma determinada interpretação da realidade, cuja ciência geográfica carece de leitura própria caindo em modismos teórico-metodológicos ao reproduzir interpretações de outras ciências. De fato, a atividade me mostrou as deficiências adquiridas ao longo do curso de graduação pelo reduzido contato com as fontes filosóficas e com a própria metodologia da Geografia. A análise teórica e metodológica da obra de um sociólogo me chamou atenção para a utilização da categoria geográfica do espaço, que foi trabalhado por Schneider nas transformações do meio rural, ocasionadas pela pluriatividade.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

FERNANDES, B. M. Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: FERNANDES, B. M. **Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.